

Cultura e meio Ambiente: o que vem sendo cultivado?

“A desvalorização do mundo humano aumenta em proporção direta com a valorização do mundo das coisas.” Karl Marx

Luciano Gonçalves Ribeiro – Lugini¹
Murilo Melo Christino²

O termo cultura possui uma infinidade de definições e, a grosso modo, está associado ao conhecimento que é construído e legado pelo homem no advir dos tempos. Moraes (2012), define cultura como algo que deriva de cultivar. E a coloca como um termo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade como membro dela que é. A vivência social, a religiosa, a artística, e todos os outros tipos de relação, sobretudo a ambiental, têm/apresentam como pano de fundo o conjunto de hábitos e valores de uma sociedade, isso é fato. O meio ambiente, também estruturado e estudado por diferentes prismas e searas do pensamento humano, pode ser trilhado do natural/artificial ao cultural, que é/seria, simbolicamente, o espaço/lugar de reflexão sobre a vida no planeta.

A cultura ambiental sob a qual experienciamos na modernidade líquida *baumaniana* (ou na pós-modernidade, como querem alguns teóricos) é, mormente destrutiva e dissonante, cujo eco é pouco ecológico e seus vezos têm colocado em debate o sentido do “ser” humano e da sua própria humanidade, cada vez mais questionada e afastada da natureza, dissociando-se tanto moral quanto espiritualmente dela. Boff afirma que “temos um tipo de cultura que degradou o meio ambiente e que desequilibrou o planeta Terra” e que se isso não for cultivado/cuidado o quanto antes, as práticas antropocêntricas poderão levar a um “impasse ecológico planetário”.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH) da UNEB.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH) da UNEB.

De fato, a relação homem-ambiente ou ambiente-homem é/deve ser imprescindível, seja ela sustentada pelo viés religioso, do sagrado e do profano, seja ela vista pela ótica da ciência, de suas descobertas e de seus avanços, ou ainda um elo analisado a partir da conjuntura do desenvolvimento que, na maioria das vezes ocorre em detrimento da sustentabilidade, tornando-a utópica e semota da sua concepção originária, numa cultura em que os humanos estão habituados a usufruir de forma irrestrita daquilo que, por natureza, tem limite.

Park (1970) afirma que o ser humano é dotado de relações ecológicas inter e intraespecíficas, as quais podem ser modificadas de acordo com as necessidades de recurso da espécie. Se essa definição for alinhada à definição de cultura, pode-se visualizar o alicerce pelo qual o sistema do consumo foi construído. Afinal, acreditar em dada necessidade de algo não a legitima. A sociedade atual tem incentivado o consumo desenfreado e transformado pessoas em hiperconsumidores. Há um cultivo do consumo. A cultura da necessidade tem veiculado a destruição do meio ambiente. Na obsolescência programada, tudo é efêmero e descartável, e, como o próprio nome já diz, programado, com hora e data para seu fim. Para Bauaman (2010) *apud* Junior & Eidt (2011), “a cultura de hoje é feita de ofertas [...]. A cultura vive de sedução [...], da criação de novas necessidades/desejos/exigências, [...] é uma sociedade de consumidores”.

Tudo permenece interligado. Tudo é sistêmico e uma coisa interfere diferentemente na outra. E para que um sistema exista dentro do outro, deve-se respeitar os limites do primeiro. (LEONARD, 2011, p. 11). Em a *História das Coisas*, Annie Leonard chama a atenção para esses limites e se pergunta sobre o que acontece quando um subsistema que cresce sem parar, como o econômico, dentro de outro com tamanho fixo, referindo-se à capacidade planetária de sustentar a vida. A autora clama pela contenção da extração de recursos naturais, critica soluções fragmentadas, especialmente as tecnologias “verdes”, e alerta que o modelo “extrair-fazer-descartar”, no ritmo imposto pela economia, “matará” o planeta em breve. Algumas inquietações promovidas, possíveis de serem vistas pelo prisma “meio ambiente-cultura” têm o poder de tensionar o lugar de conforto em que o ser humano se coloca ao julgar,

diagnosticar e identificar problemas ambientais, sem se colocar como parte deles e de suas respectivas soluções.

Ainda sobre a questão do “limite”, Boff aponta que o antropocentrismo de nossa cultura e a visão da Terra como “coisa sem espírito” provocam a “insustentabilidade” ecológico-social. “Como ela [a Terra] não tem espírito e é uma coisa, não precisa ser respeitada e passa a ser objeto de uso e abuso humano”. (BOFF, 2018, p. 72). No entanto, esse “báu de recursos” não suportará o projeto de progresso ilimitado e ilusório de “modernidade”, uma vez que esse paradigma é desigual, injusto e, totalmente, impactante.

O planeta está sendo destruído e as ações antrópicas são a principal causa. Tais hábitos necessitam de mudanças urgentes. A natureza é cultivada como se estivesse fadada a sustentar desejos insustentáveis e conforme o tempo passa, mais consequências são vistas por essa postura. A poluição, a extração mineral, a construção de novas cidades, a matança de animais, todos esses hábitos humanos em prol de satisfazer seus anseios e ambições são provenientes de um sistema suicida que prega a conquista, o lucro, a expansão desenfreada, o consumo, a incosequência, em detrimento da sustentabilidade, da harmonia, da igualdade, da compaixão, do respeito. O material torna-se objeto de desejo mundial e a natureza sofre por ter que suprir essas “falsas necessidades”. Por fim, a cultura que temos é a da insustentabilidade.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é, o que não é. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNIOR, Edinaldo. E. S; EIDT, Paulino. **O consumo de massa**: a obsolescência programada na sociedade contemporânea. Revista Grifos, Chepecó-SC: Argos, v. 20, n. 30/31, p. 13-26, 2011.

LEONNARD, Annie. **A história das coisas**: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MORAES, E. V. H. **Para uma filosofia da cultura: sobre as relações entre Cultura e Éthōs (e/ϰoj; h)/ϰoj), por intermédio da Bildung alemã e da Paidéia (paide/ia) grega**. Disponível em: <<https://bitly.com/LW7en>>. Acesso em: 11 de abr. 21.

ONG CONTATO. Cultura e Meio Ambiente Leonardo Boff. **Youtube**, 27 mar. 17. Disponível em < <https://youtu.be/kcRYWgw3bLU>>. Acesso em: 12 abr. 21.